

## **Introdução**

Bittencourt (2004) ao fazer uma incursão histórica sobre o livro didático apresentou o movimento que o trabalho de autoria tem sofrido ao longo dos anos. Para tanto faz uma comparação entre as biografias dos autores de livros didáticos em diferentes gerações. Na primeira geração (a partir de 1827) identificou um grupo homogêneo de “sábios” cujas obras baseavam-se em adaptações de compêndios estrangeiros enquanto que uma segunda geração (1870-1880) caracterizou-se pela valorização das experiências pedagógicas do autor. Nesta segunda geração as editoras passam a ter uma preocupação com a preferência dos professores e os livros passam a ser produzidos a partir das aulas dos “autores-professores”. Neste contexto a formação do professor constitui-se no aprender fazendo com uma produção didática específica que os intelectuais eram incapazes de fazê-los com sucesso.

Segundo Bittencourt (2004, p) *o livro didático é um objeto cultural contraditório que gera intensas polêmicas e críticas de muitos setores, mas tem sido sempre considerado como um instrumento fundamental no processo de escolarização.* Para a autora muitas transformações têm ocorrido em torno do livro didático e estão ligadas à especificidade deste produto cultural. Dentre elas as políticas definidas pelo governo federal que compra e distribui livros para estudantes da escola pública assegurando às editoras um mercado lucrativo certo. As editoras, neste contexto, selecionam técnicos para elaborar produtos que atendam aos critérios de avaliação do PNLD e definem formas de produção do livro didático.

Freitag (1997) apontou pesquisas realizadas no Brasil na década de 1980 sobre o uso do livro didático e conclui que os usuários são desconsiderados no processo de produção. A respeito da participação do professor identificou que não houve participação deste na avaliação, na crítica, na seleção bem como na produção do livro didático. Estas atividades eram restritas a equipes técnicas isoladas, ou grupos de pesquisa que ignoravam as condições reais de existência na sala de aula e as dificuldades dos professores com os livros.

Para Munakata (BRASIL, 2012) a desconsideração ao professor persiste pois, em sua análise, os avaliadores do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) a partir do programa de 1995/1996 tornaram-se os destinatários prioritários do livro passando a constituir uma nova categoria de consumidores.

Por reconhecer a expressividade que o livro didático tem tido nas políticas nacionais e no processo de ensino nas escolas, torna-se relevante pensar em quem é o seu autor e que espaço ele ocupa/ocupou dentro das escolas. Para tanto, este estudo tem como objetivo identificar a relação que os autores do livro didático do PNLD do 1º ao 5º ano têm como docente da escola básica: educação infantil, ensino fundamental (anos iniciais e alfabetização) e ensino médio e busca responder a esta questão pela análise da experiência docente destes autores.

### **A coleta de dados**

Para coletar as informações referentes à atuação docente dos autores do PNLD tomou-se como referência o Guia do Livro Didático, editado pelo governo federal, que apresenta todas as coleções de livros e identifica os respectivos autores.

O PNLD de 2010 distribuiu livros aos estudantes para o triênio que se encerra neste ano de 2012 e para esta análise foram considerados os dados referentes aos 255 autores dos livros didáticos de Ciências, História, Geografia, Matemática e Língua Portuguesa.

Para identificar a experiência docente dos autores foram consultados os livros didáticos onde consta a apresentação dos autores com um breve currículo. A consulta foi realizada em escolas públicas que recebem os títulos dos livros do PNLD e que são distribuídos pelas editoras diretamente na escola.

### **A experiência docente dos autores do PNLD**

A necessidade de se identificar a experiência docente dos autores dos livros didáticos é decorrente do pressuposto de que o professor deve ser evidenciado como sujeito e objeto no processo produção e sistematização coletiva do conhecimento geradas na prática tal como afirma Martins (1996). Sendo assim, espera-se que o autor do livro didático seja também professor e tenha elementos da prática para pensar a produção de materiais que estarão presentes no processo de ensino das escolas.

Os dados coletados sobre a experiência docente nos livros didáticos do PNLD de 2012 foram organizados a partir nas seguintes categorias: educação infantil, anos iniciais, ensino fundamental, ensino médio, alfabetização e professores.

Para cada categoria foi computado o número de citações presentes nos currículos dos autores analisados resultando na tabela 1.

Tabela 1 – Experiência docente dos autores do PNLD 2010

	Autores	Educação infantil	Anos iniciais	Ensino fundamental	Ensino médio	Alfabetização	Professores
	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
Ciências	27	1	5	9	4	0	12
História	70	2	4	19	9	3	34
Geografia	37	1	0	18	6	0	20
Matemática	51	2	1	18	12	0	29
Língua Portuguesa	70	6	6	13	3	4	22
<b>Total</b>	<b>255</b>	<b>12</b>	<b>16</b>	<b>77</b>	<b>34</b>	<b>7</b>	<b>117</b>

Os dados coletados informam que, entre o grupo de autores que pensam e produzem os livros didáticos, cento e dezessete (117) citações aparecem na categoria de atuação como professores, ou seja. Com atuação docente na educação infantil foram localizadas doze (12) citações; nos anos iniciais, dezesseis (16); na alfabetização sete (7); no ensino fundamental – sem especificação do segmento - setenta e sete (77); ensino médio, trinta e quatro (34).

Estes dados indicam pouca experiência dos autores de livros didáticos como docente na educação infantil, anos iniciais e alfabetização. Em se tratando da área de Língua Portuguesa os dados passam a ser mais relevante pois retratam o distanciamento dos autores com a docência na alfabetização e nas séries iniciais. É nesta área também que se identificam muitos problemas referentes aos baixos índices nas avaliações governamentais.

Durante a coleta dos dados alguns casos chamaram a atenção pela forma como a informação sobre a experiência docente foi expressa. Algumas deram ênfase à experiência nos anos iniciais como na citação *atuou mais de 20 anos na alfabetização*, e outra, que enfatiza a atuação na escola pública: *atua desde 1980 como professora em escola municipal*. Contraditoriamente encontraram-se currículos em que nenhuma menção foi feita à atividade

docente sendo somente explicitada a formação acadêmica como, por exemplo, *doutor em educação e catedrático da universidade*.

Neste momento convém retomar a análise de Bittencourt (2004) a respeito das gerações de autores. Considerando que uma geração privilegiou o sábio e seu extenso currículo com detalhes que valorizavam grandes conquistas, que outra geração privilegiou os conhecimentos produzidos na aula, pelo professor, que características parecem prevalecer na apresentação do autor dos livros didáticos de hoje?

Considerando a quase ausência de experiência docente dos autores na educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e alfabetização surgem alguns questionamentos: que elementos da prática docente são trazidos para a produção dos livros didáticos? Que concepção teórica orienta essa produção? Como estes autores se identificam com as práticas desenvolvidas na escola básica?

Neste sentido é fundamental definir a concepção de teoria e de prática para esta análise. Parte-se de Bruno (1989, p. 18) que, ao falar sobre o papel da teoria, afirma que “*a teoria pensa e compreende a prática sobre as coisas, e não a coisa. Daí, a sua única função é indicar caminhos possíveis, nunca governar a prática*”.

Martins (1996, p.85) explica que uma concepção que considera a prática como resultante do domínio da teoria, sendo a “teoria guia da prática”; e a outra concepção que defende a ideia de que a teoria expressa a ação prática dos sujeitos, ou seja, a “teoria como expressão da prática”. A primeira considera que uma formação teórica sólida é garantia de uma prática consequente. A segunda apoia-se na ideia de que na luta de classes, aparecem as contradições da prática e, nesse sentido, a teoria vai expressar a ação prática dos sujeitos rompendo com a ideia de que a teoria guia a prática.

Nesta perspectiva os dados apresentados permitem algumas análises a respeito da experiência docente que dos autores do PNLD do 1º ao 5º ano tiveram com esta etapa da escola básica. Percebe-se que a função docente é pouco expressiva nos currículos dos autores e que a relação com a educação infantil, alfabetização séries iniciais é ainda mais distante. Neste sentido parece salientar-se o eixo teórico da teoria como guia da prática e a voz de professor não tem expressividade neste contexto da produção de livros didáticos.

Diante disto, questiona-se: a experiência docente não é relevante para a produção dos livros didáticos? Vale mais a experiência na produção de livros que a prática docente na escola? Seria este mais um indício da desvalorização dos professores e de suas práticas?

### ***Algumas considerações***

Os dados levantados nesta investigação apontam para questões complexas envolvendo o livro didático e sua autoria: poucos autores possuem experiência docente no segmento de ensino para o qual escrevem livros didáticos. Isto evidencia a fragilidade entre a relação e prática docente na produção de materiais corroborando com as indicações de Bittencourt (2004) que confirma a seleção de autores pelas editoras para atuarem como técnicos que atendam a critérios do PNLD.

Considerando os dados apresentados por Freitag referentes à década de 1980 parece que o espaço do professor como autor não sofreu alteração, pois ser professor não tem sido representativo na seleção de autores de livros didáticos. Sendo assim, pode-se suspeitar também por que a maioria dos autores de livro didático, conforme dados levantados nesta pesquisa, não aparece identificada como professores.

Estas evidências indicam a necessidade de pesquisas para compreender: que elementos da prática docente são trazidos para a produção dos livros didáticos que concepção teórica orienta essa produção; e como estes autores se identificam com as práticas desenvolvidas na escola básica.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Autores e editores de compêndios e livros de leitura** (1810-1910). *Educ. Pesquisa*. [online]. 2004, vol.30, n.3, pp. 471-473

BRASIL. Ministério da Educação. **O livro didático e a formação dos professores**. Simpósio 6. Brasília: 2001. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1b.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2012.

BRUNO, L. **Acerca do indivíduo, da prática e da consciência da prática**. In: Educação & Sociedade, nº33. São Paulo: Cortez, ago. 1989.

FREITAG, B.; COSTA, W; MOTTA, V. **O livro didático em questão**. 3ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MARTINS, P.L.O. (1996). **A relação conteúdo-forma: expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista**. In: VEIGA, I. P. A (Org.). Didática: o ensino e suas relações. Campinas: Papyrus, 1996.